



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita ao Ponto de Cultura da Comunidade de Heliópolis

São Paulo-SP, 03 de outubro de 2005

Primeiro, um comunicado à Associação e aos moradores de Heliópolis. O nosso querido companheiro Gilberto Gil deve chegar pelo menos umas duas horas atrasado, porque eu estava ainda em São Paulo quando ele foi pegar um avião na Base Aérea e deu problema no avião. Então, ele disse que vai chegar... É melhor dar problema enquanto está em terra do que quando estiver no ar, mas ele vai chegar.

Olha, eu, primeiro, queria dizer aos companheiros que a nominata está muito grande, eu não quero citar o nome de todas as pessoas que estão aqui, até porque já foram citadas.

Eu quero citar o nome do Turino, que é o secretário do Programa,

Quero citar o nome do João Miranda Neto, presidente da União de Núcleos, Associações e a Sociedade de Moradores,

Quero anunciar o nome do Geraldo de Paula Pinto, secretário-geral da UNAS,

Quero citar o nome do nosso querido Manoel Araújo,

Do Netinho, que eu estou vendo as meninas gritarem, aí, o tempo inteiro,

E quero anunciar o nome do José Roberto Aguilár e, também, do Marcos Ribeiro de Santana, da Associação Cultura, Ética e Arte,

Vocês já conhecem os senadores que estão aqui, a ex-prefeita Marta Suplicy, os deputados. Tem vereadores aqui.



Eu tenho um discurso, aqui, e eu não pretendo lê-lo. Mas eu queria dizer para vocês o seguinte: primeiro, o Turino sabe que nós começamos, em 2003, querendo construir uma Casa de Cultura em cada município. O Projeto era muito mais amplo. E, depois, nós tivemos um problema sério, no primeiro ano, porque pensamos uma arquitetura igual, mais ou menos, à do Hospital Sarah Kubitschek, lá em Brasília, que é uma fábrica, que faz uns pré-moldados, e a gente queria construir, de preferência nos lugares mais pobres do Brasil, para que a gente resolvesse o problema da juventude brasileira.

Bem, depois houve um problema de custo, briga com arquiteto, briga não sei com quem, ficamos quase que um ano brigando e não foi possível fazermos a Casa da Cultura.

Um belo dia, o Gilberto Gil aparece na minha sala e fala o seguinte: “Presidente, nós precisamos fazer um ponto de cultura”. E eu falei para o Gilberto Gil: “então me explica que diacho é esse ponto de cultura? Porque a gente queria fazer uma Casa de Cultura e virou um ponto”. Aí, ele me explicou e eu achei a idéia extraordinária, não só porque ficaria mais em conta, do ponto de vista econômico, mas porque nós iríamos aproveitar parte das estruturas existentes na sociedade, não precisaria inventar absolutamente nada. A gente iria aproveitar coisas que já existiam, como aqui.

E fico feliz porque não só já fizemos 200, como pretendemos fazer mais 300 e, quem sabe, mais 300 e, quem sabe, mais 300, até que um dia a gente tenha, em todo o território nacional, milhares de Pontos de Cultura, para que a sociedade brasileira se auto-organize, do ponto de vista cultural, recupere aquilo que é a nossa cultura e que a gente consiga repassar para os nossos filhos, para os nossos netos, para os filhos dos nossos netos a verdadeira e a real cultura brasileira que, ultimamente, anda sendo colocada em segundo plano.

A outra coisa importante é a necessidade da geração de empregos.



Vejam, companheiros, nós temos hoje 988 mil jovens se beneficiando de alguns dos programas do governo federal para a juventude. Eu vou citar alguns para vocês, aqui, não vou citar todos, mas o que está dentro do pronunciamento do Luiz Marinho – vocês sabem que já tem Ponto de Cultura em Paris? Nós tivemos, este ano, o Ano Brasil-França, que foi o ano em que a França homenageou o Brasil o ano inteiro. E nós aproveitamos que tinha muitos brasileiros lá e resolvemos criar. Se o Vladimir, nosso querido lateral esquerdo do Corinthians, quiser construir um Centro de Cultura lá no Parque São Jorge, se ainda tiver colher de chá para fazer um no Parque São Jorge, porque Diadema eu sei que vai fazer, quem sabe a gente possa facilitar para vocês fazerem. No Morumbi, não precisa, porque no Morumbi...

Olhe, eu vou dar, Netinho, é importante conhecer uma coisa que está acontecendo na cultura brasileira, é importante dizer para vocês. Nesses 33 meses de governo, elevamos em 70% o Orçamento do Ministério da Cultura e aumentamos em 150% a renúncia fiscal para apoio de projetos à cultura. Também a capacitação de recursos, por meio da Lei de Incentivo Cultural, cresceu de forma significativa em relação aos anos 90. E cresceu, este é um fato importante, de forma equilibrada entre as regiões do país, evitando que os investimentos permanecessem concentrados apenas no Sul e no Sudeste, como historicamente acontecia no Brasil. Tivemos, assim, um aumento de 31% no Sudeste, de 47% no Sul, de 70% no Nordeste, de 106% no Centro-Oeste e nada menos que 636% na região Norte do país, numa demonstração de que lá não tinha praticamente investimento em cultura.

Como vocês sabem, possivelmente muita gente aqui, muitos companheiros aqui têm origem ou vieram do Nordeste, deixando para trás a saudade, as condições de vida, melhores, pelo menos, e sabem o que significa a gente garantir melhores oportunidades em outro lugar que a gente vai. E este é o motivo que nos traz, aqui, hoje. É a divulgação das bolsas de trabalho dos Agentes Cultura Viva, integrante do Programa Primeiro Emprego.



Prestem atenção numa coisa: 12 mil e 500 jovens, entre 16 e 24 anos, receberão bolsas de 150 reais, durante os seus meses de formação. Nós esperamos beneficiar 100 mil jovens até o ano que vem, com investimento direto de 11 milhões de reais. Vocês sabem, tanto quanto eu, que a cultura é fundamental para a construção da identidade de uma Nação e que este papel cultural é ainda mais importante para a juventude brasileira. Nós dizemos sempre que sem trabalho, sem educação e sem cultura a gente não desperta esperança na juventude brasileira.

E eu vou dar um dado para vocês, aqui, que é muito importante. O Netinho perguntava para mim: “por que a gente não divulga isso?” Possivelmente, por erro nosso. Mas eu vou contar algumas coisas que já aconteceram e que vão acontecer. Nós tínhamos um problema no Brasil, que era a geração de vagas para universidades. O Brasil tinha poucas universidades federais, apenas 54. E a gente, então, ficou remoendo a cabeça, como criar mais vagas, sobretudo para a juventude da periferia que estudava em escola pública.

Fizemos um acordo com as universidades privadas, fizemos isenções de alguns impostos. O equivalente à quantidade de dinheiro que essas universidades vão pagar para o governo, a gente transformou em bolsas de estudo para a periferia.

Só para ter uma idéia do sucesso: em janeiro deste ano, no primeiro vestibular que nós fizemos, nós conseguimos colocar 116 mil jovens da periferia nas universidades brasileiras, sem precisar fazer nenhuma universidade. Cento e dezesseis mil!

Agora, vocês acompanharam pela imprensa que teve o Enem. Eu não sei se vocês participaram do Enem, que é um concurso, 3 milhões de jovens participaram. E nós pretendemos abrir mais umas 115 ou 150 mil vagas na universidade. Em quatro anos a gente quer criar 470 mil novas vagas, através do ProUni.



Mas não é apenas o ProUni. Nós também estamos fazendo quatro universidades federais novas, estamos fazendo 32 extensões das Federais para o interior do país e estamos fazendo 32 escolas técnicas. Ao todo, nos próximos 3 anos, nós vamos ter 760 mil novas vagas nas universidades brasileiras, com uma coisa muito importante: é que foram aprovadas as cotas para a comunidade negra. Tem gente que acha que isso é ruim, tem gente que acha que isso é preconceito. Mas a verdade é que quando a gente vai numa universidade, a gente encontra 99% de brancos e apenas 1% de negros. O que nós estamos fazendo é reparar uma injustiça que foi cometida neste país, desde há 300 anos atrás.

Da mesma forma que também estamos privilegiando a entrada da comunidade indígena na universidade. No ProUni são mais de 1.200 jovens índios que já entraram na universidade. Tem gente que não gosta, mas paciência, eu não fui eleito para fazer as coisas apenas para quem já tem direito. Nós temos a obrigação de fazer as coisas também para a parcela da sociedade que estava marginalizada.

Mais importante, quando o Marinho falou, as meninas estavam todas olhando para o Netinho e não estavam prestando atenção. Agora você olha para elas, que é para elas poderem prestar atenção no que eu vou falar aqui.

Olhe, a preocupação com o emprego. O ano passado, nós fizemos uma experiência extraordinária, que foi a política do Soldado Cidadão. Há muitos anos, o Exército brasileiro não convocava recrutas, mais do que 70 mil. Pois bem, nós contratamos 30 mil recrutas a mais, demos a eles um salário e demos a eles uma formação profissional. Foi uma coisa extraordinária, porque se tem uma coisa que um pai e uma mãe desejam é que o seu filho, ao invés de estar na rua perambulando, esteja ocupado, fazendo alguma coisa, ou trabalhando, ou estudando ou, quem sabe, fazendo um curso desses.

Mais ainda, criamos o ProJovem. O ProJovem é um curso para 27 capitais brasileiras, para jovens de 17 a 24 anos que não concluíram o segundo



grau, para que esses jovens se inscrevam, em convênio com a prefeitura. Esse jovem volta a estudar para completar o segundo grau, vai receber uma bolsa de 120 reais e vai aprender um curso de formação profissional.

Esta semana eu inaugurei o “Escola de Fábrica”, que são 11.500 jovens, num convênio entre o governo federal e as empresas, através do Ministério da Educação, que esses jovens vão para dentro das fábricas, recebem uma ajuda de 120 reais e esses jovens também aprendem uma profissão.

Da mesma forma que tem o Consórcio do Primeiro Emprego, o Consórcio da Juventude, coordenado pelo Ministério do Trabalho, que participam, sobretudo, as entidades da sociedade civil, as ONG’s, que organizam essa juventude para a gente dar o emprego. No ProJovem, os adolescentes têm um trabalho comunitário na periferia. Ao todo, já estamos, com todos esses programas, com 988 mil jovens tendo uma ocupação feita neste país.

Mas não é apenas isso. Nós entendemos que o Brasil não pode prescindir de uma coisa que é a geração de empregos. E quando nós estamos aqui falando de cultura, e quando estamos falando de 12 mil e 500 vagas, de jovens que vão prestar concursos e vão poder, através da cultura, ganhar uma ajuda e sobreviver, nós estamos falando de uma coisa extraordinária que está acontecendo no Brasil. De 1994 à 2002, neste país, foram criados apenas 8 mil empregos formais por mês. Entre os trabalhadores demitidos e os admitidos, o saldo positivo foi de apenas oito mil empregos por mês. Nesses 33 meses de governo, a diferença entre trabalhadores demitidos e admitidos, meu companheiro Netinho, sabe qual é? É um saldo positivo de 105 mil empregos por mês neste país, doze vezes mais do que no governo anterior.

Essas e outras coisas que estão acontecendo no Brasil, eu ia esquecer de dizer para vocês: nós criamos uma coisa chamada Pronaf Mulher e Pronaf Juventude. O que é o Pronaf Juventude? É o dinheiro que a gente empresta na Agricultura Familiar. Tem muitos jovens que trabalham no campo e eles não



querem ficar no campo porque não têm condições de trabalhar, porque não têm financiamento e porque não têm escola. Nós criamos o Pronaf Mulher, para ajudar a mulher, o Pronaf Juventude, para garantir que os jovens possam ficar no campo e trabalhar, sem precisar ir para a periferia, morar em condições desumanas, como habitualmente as pessoas que vêm de outros estados vivem nos grandes centros de São Paulo, de Minas Gerais ou do Rio de Janeiro.

Eu quero terminar dizendo a todos vocês que nós estamos apenas começando e que a gente não pode consertar erros de 500 anos em apenas quatro anos. É preciso que vocês tenham consciência de que o que nós estamos fazendo é dando uma organização de base para que a sociedade brasileira crie uma força bem sedimentada nas raízes do local onde mora, do local onde nasceu, que qualquer que seja o governo que venha depois, não possa mudar, porque, lamentavelmente, no Brasil, é assim. Você tem um prefeito que faz uma coisa, vem o outro e muda aquela coisa. Você tem um governador que faz uma coisa, vem outro e muda aquela coisa. Você tem um presidente que faz uma coisa, vem outro e muda. E, normalmente, quem paga o pato é o povo brasileiro, quem não tem culpa de que os governos não dão seqüência ao trabalho bom que vinha sendo feito.

No mais, eu quero dizer a todos vocês da alegria de estar aqui. Pode ser que para alguns Heliópolis seja estranha, mas eu vivi parte da minha vida na Vila Carioca, bem aqui pertinho. Eu sou do tempo em que se começou a construir este hospital de Heliópolis. Eu sou do tempo em que se vinha, aqui, fazer guerra de mamona. Eu sou do tempo em que, aqui, a gente tinha mais de 40 campos de futebol, e os mais velhos se lembram disso, em que a gente passava os domingos jogando bola. E se tem aqui alguém que foi torcedor do Canto do Ipiranga, do Canto do Rio, da Portuguesa do Sacomã, o meu timinho, o Náutico de Pernambuco, ali, da Vila Carioca, veio jogar muitas vezes aqui e, como bom corintiano sempre ganhamos as jogadas que nós fazíamos aqui.



Mas, gente, eu estou levando daqui não apenas a alegria de ter visitado aqui. Eu vou contar um episódio para vocês, Netinho, Marta, Aloizio Mercadante, Suplicy e Marinho: eu trabalhava na Metalúrgica Frismolducar, que hoje está em São Bernardo do Campo. Naquele tempo, a Frismolducar, que fazia friso para carro – o Gilson conhece isso – era aqui, atrás da Igreja Nossa Senhora Aparecida, ali no Ipiranga, lá perto do Colégio Itaú, Visconde de Itaúna.

Pois bem, eu trabalhava ali. A minha mulher, a minha primeira mulher, trabalhava numa fábrica, mais para a frente, e a gente morava na Ponte Preta. Quem conhece a Ponte Preta? Quando eu mudei para a Ponte Preta, em 65, eu fui morar numa casinha nova, do BNH. Eu não sabia que dava enchente. Eu morava ali, na Rua 2. Quem é que falou Rua 2 aí? Aí, o companheiro sabe, ali. Eu morei ali. No primeiro ano que eu morei, eu me mudei em junho, quando chegou em janeiro entrou um metro e meio de água dentro da minha casa. No mesmo ano, deu duas chuvas muito grandes.

Mas eu estou contando isso porque eu trabalhava na Frismolducar e tinha dia em que a gente não tinha dinheiro para pagar a passagem de ônibus. E eu sei que ainda hoje tem muita gente que não tem. Então, o que acontecia comigo? Por que eu tenho saudade dos campos que tinha aqui? Porque pegava o ônibus que saía daqui, era o “São João Clímaco”, ia parar na Vila Arapuá, e ele parava na Ponte Preta. E, como eu não tinha dinheiro para pegar o ônibus, eu não tinha bilhete único, eu pegava o ônibus, eu saía da fábrica, eu vinha a pé, e com medo da minha mulher, que era minha noiva, me ver a pé, porque ela tinha o dinheiro da passagem e eu não tinha, eu vinha carregando a minha marmitazinha, atravessava, aqui, todos esses campos, saía no Jardim Patente para, depois, sair na Ponte Preta, para que a minha mulher não me visse andando a pé e ela de ônibus.

Eu estou contando isso porque eu sei que ainda hoje tem muitos brasileiros que passam por essa situação. Não são poucos os trabalhadores



que vão trabalhar e que, muitas vezes, saem do serviço às 6 horas da tarde e não têm dinheiro.

E eu, hoje, Presidente da República, não tenho vergonha de dizer para vocês: eu vinha a pé, lá da Igreja Nossa Senhora Aparecida até a Rua 2, lá na Ponte Preta, porque não tinha 30 centavos para pagar o ônibus. E não era uma vez, não, foram muitas vezes.

Eu estou dizendo isso porque eu sou o exemplo de que ninguém deve desanimar por situação adversa. Ninguém pode baixar a cabeça. Se eu tivesse baixado a cabeça, possivelmente eu fosse um derrotado. Eu levantei a cabeça, lutei e hoje estou aqui, Presidente da República, numa demonstração que qualquer um de vocês, se acreditar no sonho de vocês, tiverem determinação, amanhã vocês poderão chegar onde eu cheguei, ou chegar muito mais do que eu cheguei.

Que Deus abençoe vocês. E até outro dia, se Deus quiser.